

Apresentação

Desde que começou a ser concebida, a proposta da presente coletânea era reunir trabalhos em torno da temática *Racismos, Intolerâncias e Ativismos*, focando nas mais variadas formas de intolerância, ataques e racismo religioso contra as Religiões afro-brasileiras. Para além do Candomblé e da Umbanda o livro conseguiu agrupar artigos sobre intersecções possíveis com outras religiosidades como o catolicismo e a Jurema. Também discutimos as mais variadas formas de ativismos e de reações de movimentos sociais, dos povos de terreiro sobretudo, e suas estratégias no combate às violências que as religiões afro-brasileiras sofrem cotidianamente.

Acompanhando a sucessão de capítulos, os leitores e leitoras perceberão que, independentemente da região do Brasil, formas antigas de racismo e intolerância religiosa têm se combinado com novas tecnologias de comunicação para disseminar o ódio, seja através de palavras ou de ações. Por outro lado, os ataques também têm despertado nas vítimas formas de reação que têm acompanhado a mutação do racismo e da violência. Como se notará, as vítimas dos ataques estão combatendo, cada vez mais veementemente e de múltiplas formas, as práticas e estruturas de ódio que insistem em transformar em ações seus preconceitos. Uma das estratégias de reação tem sido mostrar o quanto a convivência respeitosa e mutuamente colaborativa entre as religiões é possível, recado que vem de Manaus, através de um belo texto sobre as festas religiosas naquela cidade aonde a igreja católica e os terreiros parecem ter encontrado caminhos eficazes para uma convivência respeitosa.

Como também se perceberá, esta coletânea é fruto do seu tempo e revela traços fortes da conjuntura sócio-política na qual foi organizada. A escalada do ódio no mundo e no Brasil, apoiada, promovida e disseminada tanto por pessoas comuns como por personalidades políticas - entre as quais o último presidente dos EUA e do Brasil -, marca fortemente o tempo no qual os textos foram escritos. No Brasil, o incêndio criminoso de um terreiro de candomblé na cidade de São José da Coroa Grande, litoral sul de Pernambuco, triste fato que aconteceu sintomaticamente no dia 1º de janeiro de 2022, data internacionalmente dedicada à Paz Mundial, provocou comoção nacional levando os movimentos de resistência a denunciarem - mais uma vez - que o caso do Ilê Axé Ayabá Omi (Terreiro das Salinas) não era um caso isolado. Tendo sido completamente incinerado, apenas dois anos depois da sua fundação, o incêndio do Terreiro das Salinas tornou-se símbolo de um ódio religioso que insiste em destruir - antes mesmo de se afirmarem - as heranças africanas existentes neste país feito também por africanos.

Porém, o espírito do tempo no qual a coletânea foi desenvolvida nos mostra que a ação de ódio e a prática de crimes contra a herança cultural africana no Brasil não se resume à destruição de terreiros. Esse discurso de ódio tem sido disseminado na sociedade através de todos os canais de comunicação, como aconteceu no programa Flow Podcast, no dia 7 de fevereiro de 2022, quando o influencer Bruno Aiub, mais conhecido como Monark, com ajuda de um controverso deputado brasileiro, distribuiu elogios ao nazismo, chegando a defender a criação de um partido nazista no Brasil, além de defender publicamente o pretense “direito” de ser antijudeu. No Brasil esse tipo de conduta sempre existiu, mas, como alguém já chegou a afirmar, parece que desde o golpe político de 2016 as portas que prendiam os monstros foram abertas e o ódio passou a ser assumido de forma pública, escancarada e inescrupulosa. E tudo isso, mais cedo ou mais tarde, termina chegando nos terreiros, nos corpos negros e nas práticas afroreligiosas.

Ora, com tanto ódio sendo difundido na sociedade, o resultado é violência, intolerância, racismo, xenofobia. A combinação disso se revela como uma fórmula letal que se materializa no aniquilamento do outro, seja no âmbito privado ou público. Nesse sentido, quantos corpos de terreiro já não tombaram simplesmente por cultuarem seu sagrado? A morte, que sempre ceifou corpos negros no Brasil, agora anda solta, à espreita dos seus alvos, em qualquer hora e lugar. Para tornar-se uma das suas vítimas basta ser negro ou portar sobre o corpo algum símbolo afroreligioso, como um simples fio-de-contas.

As imagens chocantes do assassinato brutal do jovem refugiado congolês Moïse Kabamgabe no quiosque Tropicália, na praia da Barra da Tijuca, Rio de Janeiro, no dia 24 de janeiro de 2022, é uma prova incontestável do quanto a disseminação do discurso de ódio pode produzir violências inimagináveis e crimes incontrolláveis. Não é demais advertir que, o que muitas vezes começa com uma simples piada pode terminar num homicídio. Portanto, não há violência menor ou maior, há violência. E a disseminação do ódio está presente desde as microrrelações até as macrorrelações. E, como o ódio se fortalece em cadeia de ações, qualquer ação de ódio, por individual que pareça ser, pode resultar em morte que, em última análise, representa lesões irreversíveis no tecido social e nas relações humanas. Por isso essa coletânea chama a atenção para o que acontece desde uma sala de aula numa escola da periferia de São Paulo até os microfones utilizados por um padre na cidade de Madalena, no sertão do Ceará.

Preocupados com a escalada da violência que produz morte no país e no mundo, a coletânea está dividida em capítulos que conduzirão o leitor e a leitora por caminhos espinhosos e promissores da convivência entre diferentes expressões religiosas no

Brasil. As ações que visam uma boa e respeitosa convivência entre essas expressões também são ressaltadas para que se veja que um outro mundo é possível. Por outro lado, o papel das instituições se revela muito importante para desconstruir discursos de ódio e mostrar o valor de uma convivência saudável entre quem pensa e crê diferente. Vejamos então, como estão dispostos os textos e de que tratam.

Escrito pelos organizadores da coletânea, o primeiro capítulo resume bem a proposta principal dessa coletânea. Todavia, ao mesmo tempo em que se apresenta uma proposta principal, há propostas que se articulam a ela e que analisam questões das quais este mesmo capítulo não dá conta. O primeiro capítulo, *Atualizando a terceira Lei de Newton: ação e reação nos conflitos entre povo de terreiro e evangélicos*, toma como ponto de partida uma pesquisa realizada junto à população afroreligiosa e comunidades de terreiros de Fortaleza e sua região metropolitana. Ao se discutir intolerância e racismo religioso se verá que esses tipos de violência podem ter diferentes origens e formas de atuação no Ceará. Ao mesmo tempo, esses diversos tipos de violência religiosa suscitam as mais diversas reações por parte dos afroreligiosos.

A coletânea também traz dois capítulos que falam sobre festas religiosas: um com foco em Manaus (AM) e outro com foco em Madalena (CE). O primeiro é de Lúcia Butel Tavares, intitulado *Festa de santo, festa de terreiro: um estudo sobre festividades religiosas em Manaus*. Este capítulo descreve as festividades religiosas na zona sul da cidade de Manaus, com ênfase nos bairros Centro, Educandos e Cachoeirinha, sendo esses bairros referências históricas que marcam também o início da formação urbana da cidade. Foram identificadas nos três bairros as festas de Santo, realizadas pela igreja católica, sendo enfatizados os festejos de São Sebastião, Santo Antônio e São Pedro, além das festas realizadas nos Terreiros existentes nesses bairros. O texto de Lúcia Butel pode ser aqui tomado como um bom exemplo de como a convivência entre as religiões, suas práticas e lideranças pode ser respeitosa e até mutuamente colaborativa.

Com a identificação das festas religiosas, a autora discute o significado das mesmas para a comunidade e a importância de suas realizações para os agentes sociais, e por fim, defende a necessidade de políticas públicas e de salvaguarda tanto da cultura material quanto imaterial desses grupos, tendo em vista a proteção e continuidade desses lugares e festividades. Para justificar os pontos que defende, serão considerados pela autora elementos essenciais que possam identificá-las como representativas e simbólicas, abordando o sagrado, a relevância cultural das mesmas e ainda, como essas festividades mobilizam os moradores dos bairros.

O outro capítulo que trata de festividades religiosas - portanto da presença das religiões no espaço público - é de autoria de Gabriel Freitas e Vitor Macedo, com o

título *A Festa dos Mestres e Encantados em Madalena: uma trajetória de resistência e tradição religiosa no sertão do Ceará*. O objetivo do estudo desses autores foi abordar os aspectos históricos, sociais, políticos e culturais da Festa dos Mestres e Encantados, que ocorre anualmente, todos os meses de novembro, na localidade de Alto da Alegria, no município de Madalena, Ceará.

Os festejos e celebrações são tradicionalmente realizados, desde o ano de 1971, de maneira aberta, muito embora a maioria de seus participantes seja adepta das religiões de Umbanda, Jurema e Catimbó. Apesar de os eventos ocorrerem tradicionalmente de maneira pública, inclusiva e acolhedora, no ano de 2021 os seus participantes relataram um caso de evidente racismo étnico e religioso - motivo de grande desconcerto e dissensão entre os umbandistas da região. Diante disso, o artigo aborda as relações étnico-raciais e o racismo religioso, atualmente envolvendo a Festa dos Mestres e Encantados de Madalena (CE). Para tanto, os autores recorreram a entrevistas com as principais lideranças organizadoras da festa, bem como recorreram à pesquisa documental e bibliográfica, dentro dos aportes teóricos e dados históricos, sociais e antropológicos, concernentes à compreensão e discussão da temática, consultando também algumas matérias de jornais e plataformas de mídias digitais e redes sociais, através das quais circulou o discurso de ódio contra a festa e seus participantes.

Saindo do tema das festas, temos dois artigos que falam sobre a questão do racismo religioso a partir da educação básica e da experiência de profissionais dessa área. O primeiro desses capítulos é de autoria de Rogério Santos Souza, que o chamou de *Entre o terreiro e a escola: trajetória religiosa e escolar de uma criança iniciada no candomblé*. Na condição de sujeito oriundo de terreiro de candomblé e professor de crianças, o autor descreveu o aprendizado a partir da relação estabelecida nos espaços religiosos (terreiros) e na escola, sendo que, segundo o autor, esses diferentes processos educativos terminam ocorrendo de modo antagônico.

O autor investigou as experiências de uma criança iniciada no Candomblé e como o currículo das instituições de ensino, no município de Maragogipe (BA), pode propor a consolidação de uma educação que respeite e valorize a identidade étnica e religiosa dos(as) alunos(as). A análise do estudo parte da perspectiva qualitativa, como uma etnopesquisa-ação implicada. A trajetória escolar e religiosa de João Paulo - nome fictício do principal interlocutor do autor - permite considerar que esses diferentes espaços contribuem, mesmo que de forma antagônica, para as reflexões sobre quem é essa criança que transita entre a escola e o terreiro. Enquanto no terreiro, ele tem sua identidade religiosa desenvolvida e valorizada, o que, segundo ele mesmo, o torna uma criança melhor, na escola a religião que tanto o orgulha é ignorada e suprimida por

práticas pedagógicas carregadas de perspectivas proselitistas e intolerantes, práticas essas que, além de imporem dogmas cristãos, permitem que a identidade religiosa de João Paulo, como de outras tantas crianças, seja constantemente, questionada e violentada tanto pela ação dos seus colegas quanto pela omissão de seus professores.

O segundo capítulo que aborda essa mesma temática é de autoria de Patrícia Cerqueira dos Santos e Rosenilton Silva de Oliveira e vem identificado com o título *Intolerância religiosa: um desafio para o ensino de História na educação básica*. O objetivo do texto é refletir sobre a noção de intolerância às religiões afro-brasileiras a partir da interpretação que alguns estudantes do 6o ano, do ensino fundamental, fizeram acerca da palavra “ritual”, contida numa atividade sobre aspectos culturais do povo indígena Sateré-Mawé, durante uma aula de História, numa escola pública da periferia (Zona Sul) da cidade de São Paulo.

O argumento central do capítulo é o de que o acionamento de sentidos pejorativos e discriminatórios associados à palavra “ritual” é resultado de um discurso de rejeição às religiosidades de matrizes africanas no espaço público, o qual é reverberado na escola. Ou seja, crianças e adolescentes compartilham em sala, posições discriminatórias difundidas nos cultos evangélicos, sobretudo de igrejas pentecostais e neopentecostais, por *youtubers* e por familiares dos estudantes. O trabalho pedagógico de desconstrução dessa forma de preconceito, colocou no centro da reflexão os significados do termo “macumba” e o respeito às religiões afro-brasileiras. A partir da análise do material produzido pelos estudantes, no texto, os autores discutem o papel que os discursos depreciativos construídos contra as religiões e os símbolos culturais de origem africana impactam negativamente no ensino de história e cultura africana, afro-brasileira e indígena. Por fim, sublinha-se a importância de uma boa formação docente para lidar com temas sensíveis para a educação contemporânea, como a diversidade religiosa e o respeito à mesma.

Por último, temos o artigo “*Chuta que é macumba!*”: *racismo e intolerância religiosa em comentários de vídeos de candomblés disponíveis no YouTube*, de autoria de Ronan da Silva Parreira Gaia. Neste artigo o autor analisa a intolerância e o racismo religioso a partir de comentários de vídeos que têm relação com os candomblés e que foram publicados no YouTube. Articulando reflexões sobre a violência contra o povo de santo, a relação dos candomblés com o racismo, o cristianismo e a escravidão, o autor aponta para o desconhecimento da população intolerante sobre esses candomblés. Ronan nos fala da importância de debater um tema caro à democracia como o respeito mútuo entre religiões, sendo o mesmo indispensável para o bem-estar social. O estudo foi realizado através de pesquisa qualitativa de revisão da literatura e da seleção de 4 vídeos

e 18 comentários selecionados por critérios de inclusão e exclusão estabelecidos pelo autor. Ronan propõe que para a compreensão plena do assunto há a necessidade de falarmos em racismo religioso, e não simplesmente intolerância religiosa, frente aos ataques direcionados à origem negra dos candomblés e/ou religiões de matrizes africanas no Brasil.

Ao pensarmos essa coletânea tomamos como certa as relações existentes entre *racismo, intolerância e ativismos*. Seja no sentido de um círculo vicioso por parte de quem promove a violência ou no sentido de um círculo virtuoso suficientemente capaz de desconstruir essa mesma violência. Temos consciência de que esses diferentes e antagônicos círculos estão permanentemente se fazendo, desfazendo e refazendo na nossa sociedade e no mundo. Justamente por isso, desejamos, com muita esperança, que os textos aqui reunidos tenham a força e capacidade de apresentar uma preocupante realidade que atinge diretamente a sociedade brasileira contemporânea, ao mesmo tempo que possa propor alternativas para processos educativos e humanos antirracistas e de uma cultura de paz. A eficácia do material, contudo, começa com a sua leitura e compreensão, motivo pelo qual, sem mais ardeios, convidamos a todos e todas à leitura.

Ozaias da Silva Rodrigues

Patrício Carneiro Araújo